

Arqueologia Urbana de Lisboa: o desejo de regularidade como desígnio de origem.

Paula André

DINAMIA-CET, Escola de Tecnologias e Arquitectura, ISCTE-IUL,

Av. das Forças Armadas, 1649-026, Lisboa, Portugal

paula.andre@iscte.pt

Palavras-chave: Lisboa, Aterro, Rua, Alinhamento

Um estudo em tempo longo da arqueologia urbana de Lisboa, principal cidade do reino desde o reinado de D. Afonso III, aferidora de projectos e exportadora de práticas, é operativo para um entendimento global da forma urbana em Portugal ou da forma urbana de raiz portuguesa.

Propomos analisar, compreender e interpretar a identidade urbana da cidade a partir da caracterização dos elementos substantivos que a compõem enquanto palimpsesto morfológico, ou seja, aqueles que permaneceram perceptíveis no longo processo de evolução da forma urbana de Lisboa.

Sendo que “a forma da cidade é a cartografia da sua história”¹, adoptamos uma metodologia multidisciplinar que aplica a transversalidade da história física e conceptual da cidade, articulando diferentes áreas do saber, nomeadamente, Geografia, História, Arqueologia, Arquitectura, Urbanismo, em diálogo aberto ao longo da História, designadamente o poder real, o domínio religioso, a acção municipal, e a intervenção privada, numa prática continuada de derrubes, de expropriações, sempre com o fim de dignificar a cidade. Essa transversalidade é igualmente articulada e cruzada com diferentes acervos de fontes de informação, das quais destacamos a cartografia, as representações iconográficas, os registos notariais, as posturas municipais e documentos escritos de outra natureza.

Partindo objectivamente da Lisboa actual como fonte primária, usando a história no seu sentido etimológico grego, isto é, no sentido de “ver” ou “conhecer”², e trabalhando sobre um passado activo o nosso estudo focar-se-á no processo de evolução da composição urbana. Por um lado, da linha de costa e dos sucessivos aterros, que correspondem aos avanços da cidade sobre o rio, na época de D. Dinis, D. Fernando, D. Manuel I, D. José I e no séc. XX, e que representaram sempre um novo motor de crescimento da urbe, e onde se implantariam alguns pólos aglutinadores de desenvolvimento, chegando à forma da cidade da qual somos hoje herdeiros. Por outro lado, num conjunto de ruas seleccionadas

¹ Texto de J. M. Hernández León na obra de Terán F (2009) *El pasado activo: del uso interesado de la historia para el entendimiento y la construcción de la ciudad*, Akal, Madrid, 5.

² Pinto, L. (2009), A cidade etimologizada : os sentidos acerca do espaço urbano nas *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, *Archai*, n.3, Julho, p.107-118.

(Rua Nova, Rua Nova d'El Rei, Rua Direita das Portas de Santa Catarina, Rua Nova de Almada, Rua dos Ourives da Prata), eixos estruturadores e activos da “morfogénese urbana”³, palcos preferenciais do fazer e do contínuo refazer cidade.

Essa evolução morfológica será realizada através de uma análise regressiva cujo arco temporal recuará ao reinado de D. Dinis, “primeiro momento de intervenção decidida na definição urbanística”⁴, tempo histórico da Idade Média consubstanciador do futuro da cidade. Será realizada uma interpretação em torno quer da prática e da consolidação da “Ley do alinhamento”, quer da designada “notícia prática e palpável”, verdadeira lição da praxis do terreno e uma reflexão em torno da lógica subjacente à acção do que designamos por matriz de linha recta⁵, entendendo a inteligente e sensível da flexibilidade da regularidade funcional como seminal.

A análise do processo de fazer cidade revela a intervenção sobre a própria cidade, onde grande parte das obras são intervenções no pré-existente, são o refazer, o renovar, não obra de raiz, surgindo a cidade como palco experimental do fazer cidade. Método prolongado no tempo, materializado no espaço, e registado na *Dissertação* de Manuel da Maia. O programa urbano não é só a aplicação de um modelo prévio mas o que resulte de uma atenta e afectiva leitura da natureza física do território, da qual resultaria a diversidade de composição, denunciando um claro espírito pragmático, programático, tanto erudito como vernacular.

O objectivo final desta abordagem será a realização de uma leitura topográfica da evolução da cidade entrecruzada com uma leitura culturalista versus progressista da prática contemporânea tendo em conta uma prospectiva da morfologia urbana do território da capital, considerando que o conhecimento histórico, “em época de transição”⁶, deve ser uma ferramenta operativa da intervenção sobre a cidade actual.

³ Desmarais, G. (1995) *La morphogenese de Paris. Des origines à la Revolution*, Paris, l'Harmattan.

⁴ Silva, J. (2006) Lisboa Medieval, breves reflexões, *Revista de História da Arte*, FCSH-UNL, Lisboa, nº 2, p.37-42, p.40.

⁵ André, P. (2010) A pré-existência do Cardo / Decumanus no Plano Pombalino e a sua herança na Lisboa Contemporânea. Oliveira, F.; Oliveira, J.; Patrocínio, M., ed. lit., *VII Congresso Internacional da APEC. Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Vol. 3, p. 265-277. <https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/handle/123456789/56>

⁶ Mészáros, I. (2008) O desafio e o fardo do tempo histórico, *Política e Sociedade*, nº 13, Outubro de 2008, p. 17-33.